

Entrevista a Steven Kuchuck: De Lisboa a Nova York

Paula Campos e Hélder Chambel

Tradução de Cátia Castro | Revisão de Ida Lemos



Steven Kuchuck é psicanalista, psicoterapeuta e supervisor com prática privada em Nova York. É editor-chefe da revista “Psychoanalytic Perspectives: An International Journal of Integration and Innovation”, Editor Associado da “Relational Perspectives Book Series”, faz parte da Direção, é supervisor e professor no “National Institute for the Psychotherapies”, participou e editou “Clinical Implications of the Psychoanalysts Life Experience: When the Personal Becomes Professional” (2014) e co-editou “The Legacy of Sandor Ferenczi: From Ghost to Ancestor” (2015). Presidente da International Association for Relational Psychoanalysis and Psychotherapy (IARPP), 2018-2021.

Paula e Hélder – A psicanálise tem evoluído do séc. XIX ao séc. XXI, de Freud ao presente, passando por diversos autores e escolas, muitas vezes entre tensões e conflitos acerca do que é a psicanálise e de como avançarmos. A “viragem relacional” deu-nos um novo terreno para explorar. Steven, o que é a psicanálise para si?

Steven – Ah, uma questão “menor” para começarmos... LOL. Humm.... Primeiro, gosto como as vossas questões colocam a viragem Relacional, contextualizando-a desde Freud ao presente entre inúmeros autores e escolas, também salientam os conflitos. Suponho que para mim a psicanálise são todas essas teóricas e essas orientações. As tensões dialécticas que existem entre as várias teorias, e entre os seus binários

– a psicologia de uma pessoa versus a psicologia de duas pessoas, transferência – contratransferência, a contenção do analista versus a expressividade e a auto-revelação deliberada, entre outras, aprofundam e enriquecem o nosso trabalho. A mente humana é demasiado complexa para lhe termos acesso e para a tratarmos baseando-nos apenas em uma ou duas teorias.

Acredito que fazemos o nosso melhor ao estudarmos muitas formas analíticas, e mesmo até não analíticas, de trabalhar, ao encontrarmos as orientações que têm maior ressonância em cada um de nós, em pacientes específicos, etc. Não quero estar na posição de dizer quais são os teóricos que estão “correctos” e quais os que não estão correctos, assim como não acho útil definir a psicanálise baseando-nos no número de sessões por semana, ou no uso do divã. Desde que estejamos a pensar no inconsciente, na transferência – contratransferência (e relacionado com isso, na interacção analista-paciente e no impacto mútuo), no mundo dos objectos internos do paciente e do analista, falando de uma forma geral: as formas como estes objectos se agitam e como emergem através das interacções no aqui e agora do *setting* de modo a serem trabalhados como padrões dinâmicos com vista à resolução de conflitos interpessoais e da dor psíquica, para mim, isso é psicanálise.

Paula e Hélder – Freud é, para quase todos nós, a primeira referência; para alguns ainda a maior referência, para outros, é apenas a original, a partir da qual tudo foi desenvolvido. Qual é a natureza da sua “relação” com Freud?

Steven – Para mim Freud é todas essas coisas e mais ainda. Ele é o homem que (apesar de indirectamente) ajudou a curar os homens e as mulheres que depois fizeram o mesmo por mim, por via das análises pessoais e didácticas, e que me levaram a esta profissão enriquecedora. Ele é o meu bom pai – mais avô ou bisavô, suponho, o seu trabalho deu espaço para o avô Sandor Ferenczi, que nos deu a escola Relacional, e outras formas de psicanálise contemporânea, por via dos seus pacientes como a Clara Thompson, Michael Balint e outros. Freud é um objecto profissional internacionalizado que me inspira e me motiva, cuja força eu celebro e, de certa forma, da qual ainda me tento afastar até hoje. Para o melhor e para o pior – há aquela dialéctica que mencionei atrás – acredito que Freud lança uma longa sombra sobre nós.

Entre os meus bens mais valiosos estão várias cartas originais, escritas e assinadas por Freud, que guardo na estante dos livros do meu escritório. As suas teorias brilhantes contribuem para o meu trabalho até hoje.

Ainda assim, tal como o seu paciente e protegido Ferenczi, eu gostaria que, quer a época, quer o seu carácter, o tivessem permitido avançar para um maior grau de bondade afectiva numa profissão que, até tempos relativamente recentes, foi mais sobrecarregada com rigidez teórica e intelectualização do que beneficiou com estes aspectos. Como sabemos, por vezes Freud era muito cordial com os seus pacientes, no entanto, não foi tão livre na sua teoria. Como todos nós, ele foi produto da sua era e se tivesse tido alternativa, poderia, por assim dizer, ter beneficiado desta forma adicional de tratamento.

Paula e Hélder – Em 2015, co-editou com Adrienne Harris, uma nova edição de “*The Legacy of Sandor Ferenczi*”. Ferenczi foi um dos analistas de “segunda geração” com novas ideias importantes, algumas das quais em grande tensão com as teorias de Freud. Por conta disso, a sua obra foi deixada durante muitos anos fora da “instituição” psicanalítica (embora com influência em diferentes escolas). Este livro é uma contribuição importante para redescobrir as ideias de Ferenczi, nomeadamente o seu impacto no contexto relacional. Porque sentiu necessidade de reunir conhecimentos sobre Ferenczi?

Steven – Como mencionei, Ferenczi foi realmente o primeiro analista relacional, embora tragicamente para a psicanálise, as suas ideias tenham sido banidas por mais de meio século, como vocês disseram. Devido a isso, analistas e terapeutas de todas as convicções teóricas (e, portanto, gerações de pacientes) foram privados de teorias e de técnicas que poderiam ter aliviado muito sofrimento. Felizmente, a psicanálise enriqueceu-se enormemente a partir do momento em que Adrienne, o falecido Lewis Aron e outros académicos redescobriram Ferenczi. Eu e Adrienne temos interesse na história psicanalítica e acreditamos que podemos ter uma compreensão mais profunda da teoria quando compreendemos melhor as ricas fundações da nossa profissão. Publicámos o nosso livro para ajudar a rastrear as raízes da psicanálise relacional até Ferenczi e aos seus pacientes / alunos, mas também para destacar e acrescentar aos estudos relacionais actuais o legado de Ferenczi e dos seus discípulos.

Paula e Hélder - “Quando o pessoal se torna profissional” foi o subtítulo de outro dos seus trabalhos (“*Clinical Implications of the Psychoanalyst’s Life Experience*”, 2013), que é um “clássico” do pensamento relacional contemporâneo. A neutralidade de Freud (ou neutralidade freudiana) parece distante dessa perspectiva, em que o pessoal se torna profissional. O pessoal não se torna sempre profissional? Quais são os novos limites aqui?

Steven – Freud e os seus colegas, e mais tarde, especialmente os seguidores da “Psicologia do Ego Americana”, acreditavam que havia algo como uma teoria e uma técnica psicanalítica correcta. Lembro que nesses tempos existia apenas uma orientação teórica psicanalítica e um tratamento clínico correspondente. Esta perspectiva de “um modelo único que serviria a todos” enfatizou a crença de que qualquer psicanalista devidamente treinado, a tratar um dado paciente, poderia ser substituído por qualquer outro analista correctamente treinado, e produzir os mesmos resultados com o mesmo paciente. Uma das regras de ouro era a de que o analista deveria manter a sua neutralidade – por vezes referida como um ecrã em branco, em que o paciente seria livre e capaz de projectar todo o espectro dos seus afectos e fantasias, desimpedido de quaisquer enviesamentos do analista, protegido de quaisquer tentativas de afastamento da neutralidade, em vez de se gratificar o desejo do paciente - ou do analista - da descarga pulsional e de outras pressões psíquicas. Pelo menos a partir de meados da década de 1980 (com o nascimento da psicanálise Relacional), para alguns até mesmo antes, muitos psicanalistas começaram a ques-

tionar se a neutralidade seria possível, se esta procura seria alcançada, tendo sido até sugerido que, na sua forma absoluta, não seria benéfica, e, o mais provável é que fosse perigosa. É aqui que o meu livro de 2013 se inicia – com esta última premissa. Mas como eu e como muitos dos autores desta obra explorámos, muitos analistas ainda acreditam que “permitir” que a subjectividade do terapeuta entre no *setting* (o que, claro está, eu defendo que é humanamente impossível de controlar), interfere muito com a neutralidade do clínico e é um indicador de que o terapeuta não foi suficientemente analisado, ou a sua prática é qualquer coisa diferente da psicanálise “adequada”.

Portanto, esta é uma longa abordagem para responder às questões que colocaram. Sim – eu (esuspeito que todos os analistas Relacionais) acredito que as características pessoais – ou por outras palavras, a pessoa do analista, ou a subjectividade do analista, é uma inevitabilidade, e se bem trabalhada, enriquece qualquer tratamento analítico. Quanto à questão sobre os “novos limites”, não tenho a certeza de como responder de uma forma sucinta, embora tenha aprofundado esse assunto no livro de 2013, e em grande parte dos meus trabalhos. A minha escrita e o meu ensino exploram as consequências das proibições históricas, e mesmo actuais, de sermos *selves* mais autênticos, e examinam as inúmeras e inadvertidas formas como as nossas subjectividades impactam e são impactadas pelos nossos pacientes.

Paula e Hélder - Deu algumas conferências sobre o amor, o erotismo e a acção terapêutica. Como é que o amor e o erotismo são “jogados” na terapia relacional? Quais são os limites? Quais são as transformações possíveis?

Steven - Sim, leccionei e publiquei vários artigos sobre esse tema, disponíveis na PEP Web, bem como no meu capítulo no livro sobre Ferenczi antes mencionado. Em certas situações clínicas o desejo e a excitação são componentes importantes do campo intersubjectivo. O meu trabalho nessa área parte dessa suposição e explora o impacto de pais ausentes, violentos, ou de alguma forma indisponíveis, nos seus filhos heterossexuais e o quanto isso resulta num anseio de atenção, admiração e amor. Este anseio, às vezes referido na literatura como fome de pai, inclui frequentemente a necessidade de ser admirado física e romanticamente, de formas que os pais não poderiam oferecer. Quando esse desejo emerge no tratamento, o analista do sexo masculino, que experimenta uma resposta contratransferencial erótica e que pode lidar com a ansiedade potencial e a vergonha, está numa posição única para dar ao paciente essas provisões necessárias. A este respeito, a contratransferência romântica e / ou erótica torna-se num componente integral da acção terapêutica.

Paula e Hélder - Tem um novo livro “*The Relational Revolution in Psychoanalysis and Psychotherapy*”, a ser publicado no início de 2021. Pode-nos falar um pouco sobre ele?

Steven - Com muito gosto! O meu novo livro estará disponível no Kindle e noutros leitores electrónicos a partir de 26 de Fevereiro de 2021, assim como uma edição em papel da Karnac Books e da Amazon UK, também nessa data. A versão em papel

estará disponível nos Estados Unidos e em quase todos os outros lugares do mundo no final de Abril de 2021. Pelo que sei, é o primeiro livro académico de autoria individual em Psicanálise Relacional. É minha tentativa oferecer uma visão global dos conceitos-chave da psicanálise relacional escritos para aqueles que se iniciam nesta orientação, bem como para os analistas relacionais mais experientes que estão à procura de um livro de referência ou ferramenta de ensino. Além de fornecer uma visão histórica do nascimento da psicanálise Relacional no primeiro capítulo, sigo um único caso aprofundado ao longo do livro como forma de aplicar os ensinamentos de cada um dos capítulos – a subjectividade do analista, a auto-revelação, o *enactment*, etc., e aplico estes conceitos ao meu trabalho clínico com este paciente.

Paula e Hélder - Qual poderia ser o papel do analista relacional nas esferas social e política, nas formas contemporâneas de racismo, xenofobia, discriminação de género, homofobia e outras formas de discriminação humana, que têm sido um dos focos de atenção do pensamento relacional?

Steven - Como a maioria dos vossos leitores provavelmente sabe, Stephen Mitchell e os seus colegas estavam interessados em incorporar questões socioculturais e políticas na viragem Relacional, como foi originalmente intitulada. Os primeiros autores, como Jessica Benjamin, Adrienne Harris, Neil Altman, Mitchell e muitos outros, abordaram as questões que mencionam. Outros de nós, estão actualmente a escrever sobre esses temas. O meu livro foi concluído durante o ressurgimento do movimento *Black Lives Matter* nos Estados Unidos, no Reino Unido e noutros lugares, em resposta à brutalidade policial contra as pessoas negras, e outras pessoas, no meio da pandemia de Covid-19. Percebemos, rapidamente, que a pandemia afectou de modo desproporcional as pessoas de comunidades marginalizadas e discriminadas. No livro “*The Relational Revolution*” abordo estas questões no contexto da psicanálise Relacional. Acredito que se os Relacionalistas estão interessados em abordar a pessoa de forma “inteira”, então devemos, também, lidar com a fragilidade branca e com as várias formas de discriminação - bem como com o ódio social / familiar inter-nalizado, um fardo que carregam todos os terapeutas e todos os pacientes.

Paula e Hélder - Em 2016, um colóquio memorável da IARPP, realizado online, tornou-se uma base para expressar, partilhar e debater a temível eleição de Trump. Para muitos, tanto nos Estados Unidos como no mundo, a eleição de Trump representou um profundo retrocesso a um mundo polarizado e discriminante, onde as relações sociais se estabelecem sem empatia, não permitindo um “reconhecimento mútuo” que a Psicanálise Relacional tanto valoriza. Desde a altura em que Trump ganhou essas eleições (este ano perdeu), como vê o impacto dele na cultura contemporânea, o que devemos esperar do futuro próximo?

Steven - Essa é uma grande questão, importante. Muitos de nós nos Estados Unidos, e internacionalmente, ficámos profundamente abalados e, em alguns casos, até traumatizados pela eleição de Trump, e pelo impacto em outros líderes populistas e totalitários. Houve excelentes artigos de autores Relacionais sobre este tema e

tenho um artigo que será publicado na *Psychoanalytic Perspectives* nesta Primavera, penso que numa edição da revista que é parcialmente dedicada à vossa questão.

Fiquei contente que, em conjunto com os colegas da IARPP, tivéssemos disponibilizado o espaço do Colóquio para discutir essas questões, e o sentimento avassalador de tantos (embora não de todos) que acreditam que Trump é um ataque à humanidade, um ataque aos cidadãos dos Estados Unidos mais vulneráveis e a outros cidadãos. Foi a sua ignorância e as tentativas deliberadas de destruir a ciência, a liberdade de expressão, a liberdade de imprensa, e a verdade em geral, que agravaram o terrível impacto da pandemia Covid-19. Os meus pacientes e colegas estavam – e estão – apavorados, profundamente tristes e, como mencionei antes, em alguns casos, traumatizados por viver neste regime. Quando se combina este reinado de quatro anos com a doença generalizada, a morte, o medo e a destruição económica causada pela pandemia e pela gestão incorrecta de Trump, acredito que teremos consequências a longo prazo na saúde mental, que estarão connosco durante anos, senão durante décadas.

Paula e Hélder - Estamos no meio de uma crise pandémica, com grandes repercussões nas nossas sociedades e nos contextos terapêuticos. Que mensagem pode enviar aos nossos colegas Relacionais?

Steven - Acredito que um dos maiores desafios que enfrentamos actualmente, como psicoterapeutas e psicanalistas, é o facto de que, durante a pandemia, estamos de forma simultânea, a experimentar o mesmo grande mal-estar, perturbação ou, como mencionei antes, trauma, que nossos pacientes vivenciam. Não nos podemos dar ao luxo de dizer a um paciente “Sinto muito, mas prefiro não falar da pandemia”, se precisarmos de uma pausa durante um dia de trabalho, em que cada paciente que chega quer falar sobre a pandemia. Como cuidamos de nós próprios no meio disto tudo?

A minha mensagem é esta, e espero que não pareça muito banal: por favor, façam o que provavelmente estão a incentivar os vossos pacientes a fazer - dediquem o máximo tempo possível ao vosso autocuidado. Façam pausas ao longo do dia e/ou férias se o tempo e a economia o permitirem. Façam também pausas nas notícias, caso sintam que estes são factores activadores do mal-estar. Procurem colegas e participem em aprendizagens online, intervisão ou supervisão profissional, etc. Qualquer coisa que possa combater o esgotamento, o isolamento pessoal e profissional é decisivo, agora mais que nunca. E, claro, quando a vacina estiver disponível, e quando for a sua vez de recebê-la, recomendo que façam o que puderem para a obter, para usufruirmos da paz de espírito e da sensação de segurança (e da realidade da segurança) que ela nos oferece.

Paula e Hélder - É o Presidente da IARPP. Como vê o “peso” do movimento relacional no amplo contexto psicanalítico? O que nos pode dizer sobre isto?

Steven - Na verdade, no intervalo que decorreu entre o vosso gentil convite para esta entrevista e quando esta for publicada, o meu mandato como presidente da IARPP já terminou. Permanecerei na Direcção e na Comissão Executiva, na função de Ex-Presidente e espero continuar a contribuir para a IARPP e para a Psicanálise Relacional no futuro. Estou entusiasmado com o número de membros que se juntaram a nós recentemente, e com as secções da IARPP que se formaram em países onde a psicanálise Relacional estava sub-representada. Olho para este desafio como uma necessidade de levar o ensino Relacional aos colegas que estão pouco familiarizados com o nosso trabalho. É urgente que a IARPP continue o seu esforço de traduzir os nossos colóquios, realizar as apresentações e ter materiais escritos em vários idiomas.

Também me sinto encorajado pelo que o Steve Cooper e outros chamam de teoria da ponte. Muitas ideias das teorias relacionais, e de outras teorias psicanalíticas, têm-se cruzado para “fazer a ponte” entre múltiplas perspectivas teóricas. Não são apenas os Relacionalistas que discutem, por exemplo, as auto-revelações deliberadas, o impasse e o *enactment*, os estados múltiplos do self, etc. Estas ideias surgiram, ou expandiram-se, no ensino Relacional e agora são muitos os analistas contemporâneos que as utilizam. Ainda assim, é obvio, as diferenças teóricas merecem o nosso respeito e aprofundam o nosso trabalho, não são somente importantes as teorias da ponte, que nos são consensuais. Merece-nos respeito, e é necessária, a crítica, quer vinda de dentro, quer de fora da nossa orientação, como Aron, Grand e Slochower discutem nos seus livros recentemente editados, e sobre a qual Aron escreveu consideravelmente antes de sua morte prematura. É importante para que possamos crescer e para que possamos desenvolver a teoria e a técnica psicanalítica.

Paula e Hélder - Como sabe, o movimento relacional português tornou-se muito próximo dos nossos vizinhos e amigos espanhóis. Começámos mais tarde e tivemos a vossa preciosa ajuda e encorajamento. A IARPP (dos EUA) e o Steven também expressaram o vosso apoio ao nosso projecto Relacional quando nascemos no início de 2016. Desde 2016 que a PsiRelacional é o centro do movimento Relacional em Portugal, reunindo actualmente cerca de 100 psicoterapeutas. Agradecemos a sua atenção e o seu apoio e, claro, a entrevista. Muito obrigada Steve. Algumas palavras finais?

Steven - Tenho acompanhado o vosso projecto de perto desde o início e tenho ficado impressionado e agradecido pelos vossos esforços em revitalizar e divulgar a Psicanálise Relacional em Portugal. Parabéns! Eu sei como pode ser difícil disponibilizar muito tempo e energia para as tarefas administrativas, e outras, necessárias para iniciar e desenvolver um movimento. Espero que tenha sido gratificante e que tenham orgulho nas vossas realizações. Os vossos alunos, colegas e pacientes são, obviamente, os beneficiários directos do vosso árduo trabalho e das vossas realizações. E agora estão a lançar esta publicação. Estou feliz por esta conquista recente e muito feliz por fazer parte da vossa primeira edição. Desejo-vos sucesso, saúde e satisfação nos anos vindouros.